



SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo¹

EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO POPULAR: UMA BASE HISTÓRICA E TEÓRICO-METODOLÓGICA

Resumo: A educação popular é uma concepção de educação, que se constrói histórica e organicamente, na América Latina, estreitamente associada à conjuntura social e política. Ela se apresenta como um movimento que produz um pensamento pedagógico latino-americano, em que sujeitos e coletivos elaboram experiências educativas com intencionalidade emancipatória, construindo autonomia, tornando-se sujeitos de sua história. O cerne do estudo aqui apresentado consiste na elaboração de fundamentos históricos e teórico-metodológicos da educação popular, visando contribuir com a construção de uma epistemologia da educação popular.

Palavras-chave: Educação popular; epistemologia da educação popular; história da educação popular; fundamentos teórico-metodológicos da educação popular; autonomia.

Abstract: Popular education is a concept of education, historically and organically built in Latin America, closely related to the local social and political context. It turns up as a movement that produces a Latin American pedagogical way of thinking, in which individuals and collective subjects devise educational experiences aimed at ensuring emancipatory intentionality, developing autonomy, becoming subjects of their own history. The main focus of this study consists of elaborating a historical and theoretical-methodological ground of popular education, whose aim is to contribute to the development of an epistemology of popular education.

Keywords: Popular education; epistemology of popular education; history of popular education; theoretical-methodological grounds of popular education; autonomy.

1. INTRODUÇÃO: INICIANDO UMA APROXIMAÇÃO À EDUCAÇÃO POPULAR

A vivência social, a pesquisa e a docência me permitem afirmar que a educação popular é uma concepção de educação. Esta afirmação tem por base a práxis embasada na dialética (GADOTTI, 2004) apresentada por Karel Kosik (1976) como dialética do concreto, ou seja, firmemente enraizada em práticas pedagógicas embasadas na realidade social. A educação popular “é uma prática educativa e uma proposta pedagógica que se situa dentro e diante dos conflitos históricos das sociedades latino-americanas” (STRECK et al., 2014, p. 21). Ela está enraizada na tessitura social brasileira e latino-americana, seja em espaços educativos cotidianos, seja permeando os sistemas de ensino oficiais. Sua presença foi e está sendo historicamente construída. As raízes estão em um longínquo tempo histórico e por se tratar

¹ licenciado em História e mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí e doutor em Ciências Econômicas e Sociais (Dr. phil.) pela Universität Hamburg – UHH – na Alemanha. Atua como Professor Colaborador com bolsa PNPd/Capes no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – Mestrado e Doutorado da Unijuí. É Pesquisador no Grupo de Estudos de Educação Popular, Movimentos e Organizações Sociais – Geep/CNPq.

de uma prática educativa e de uma proposta pedagógica, ou seja, uma concepção de educação, indica a possibilidade de permear cada vez mais as vivências educativas futuras.

Considero sempre importante destacar que a concepção de educação popular pode estar e está presente tanto nas práticas educativas oficiais, ou seja, na escola e na universidade, quanto no cotidiano espontâneo de sujeitos e coletivos. Pelo contexto histórico brasileiro e latino-americano, em que durante séculos a maioria da população esteve fora da escola, os espaços à margem dos sistemas de ensino oficiais foram e continuam sendo o terreno mais fértil para as práticas de educação popular. Schönardie e Pillatt (2016) destacam que mesmo que a educação popular tenha sido prática educativa historicamente presente, a história da educação não tem se preocupado em registrar a sua presença e importância, estando, muitas vezes, invisível ao estudo dos processos formativos oficiais. Essa é uma constatação paradoxal, visto que coletivos e indivíduos tem construídos seus processos educativos, na América Latina, pela vivência pedagógica da educação popular muito mais em espaços do cotidiano por estarem à margem da escola oficial.

Dessas constatações decorre a importância da aproximação à epistemologia da educação popular, o que constitui um processo educativo. Ou seja, educar os próprios educadores e educadoras pela prática e base da educação popular. E a necessidade de educar os educadores e as educadoras não é nova. Já em 1845, Marx (1990, p. 5-6) na terceira tese sobre Feuerbach, escreve que os educadores e as educadoras precisam ser educados². Marx (1990, p. 6) entende que educando os educadores e as educadoras, está acontecendo uma práxis revolucionária. A necessidade de educar os educadores e as educadoras continua contemporânea, como apontado por Schönardie (2008), Morin (2014), Schönardie e Pillatt (2015). Educar os educadores e as educadoras sobre e pela concepção da educação popular, é, para quem acredita na e vivencia cotidianamente a educação popular como prática educativa e proposta pedagógica, mais que premente.

Aproximações à epistemologia da educa-

ção popular se tornam assim mister. Essas aproximações podem começar por uma das questões de maior centralidade na educação popular: a sua perspectiva emancipatória. Sujeitos e coletivos se constroem protagonistas de sua história. O processo educativo, sob a perspectiva da educação popular acontece no cotidiano, de forma orgânica, como ensinou Gramsci (2006). Mas também é preciso ter presente que não há um conceito absolutamente definido para ser ‘aplicado’ nas práticas da educação popular. Mas há evidentemente fundamentos teórico-metodológicos e estes em constante reconstrução. Importante é saber que os pontos de partida e também de chegada das práticas de educação popular se dão na tessitura social. A educação popular se (re)constrói, assim, em movimento.

Por esse viés é possível inferir que a educação popular tem entre suas características “acompanhar o movimento da sociedade, buscando sempre novos espaços para a sua realização” (STRECK, 2013, p. 356). Para Paludo (2001) isso significa perceber a educação popular em busca de alternativas. Esses espaços e/ou alternativas se manifestam pelo contexto cotidiano vivido por sujeitos e coletivos, organizados em movimentos e organizações e também em espaços educativos oficialmente estruturados e reconhecidos pelo Estado, como a escola e a universidade. A educação popular está assim presente em um amplo espectro de contextos e processos educativos. É importante, contudo, reforçar e ter sempre presente que o contexto histórico no Brasil e na América Latina, seio da constituição da educação popular, é de profundas adversidades e exclusões, seja dos espaços escolares ou dos seres humanos nos aspectos sócio-econômico-ambientais.

Observando, mesmo que de forma superficial, a história latino-americana, fica evidente a histórica e constante presença de processos educativos populares como lugares de construção social coletiva (TORRES, 2008). “Os processos educativos partem desta forma, dos coletivos populares e de seus sujeitos, acompanhando as necessidades sociais concretas” (SCHÖNARDIE, 2015, p. 2). Fica evidente “que os lugares

² Interpreto a tese de Marx sobre Feuerbach a partir do texto original: “Die materialistische Lehre von der Veränderung der Umstände und der Erziehung vergißt, daß die Umstände von den Menschen verändert und der Erzieher selbst erzeugt werden muß. (...)“ (MARX, 1990, p. 5-6).

da educação popular não são estáticos. [...] Ela tem também a capacidade de incorporar novos referenciais teóricos, sem perder o espírito que a alimenta” (STRECK; ESTEBAN, 2013, p. 8). Jara e Falkembach (2013, p. 151) mostram que a educação popular requer referenciais teórico-metodológicos próprios. Mas ela é “visceralmente contrária à dogmatização, ela se reinventa em outros espaços quando instituições e grupos procuram domesticá-la” (STRECK; ESTEBAN, 2013, p. 8).

Nos últimos anos, sobretudo no Brasil, a educação popular tem sido confrontada com o que poderia se denominar de novas rupturas, o que a coloca em evidência e torna mais importante seu estudo. No Brasil, no ano de 2014 foi formalizado o ‘Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas’ (SECRETARIA-GERAL, 2014), ou seja, a educação popular foi por um lado reconhecida como política pública, por outro lado, mesmo que assim surjam, riscos, contradições, potencialidades e dúvidas, ela possui agora a possibilidade e o respaldo de penetrar as mais diferentes ações coletivas humanas e sobretudo o caminho aberto para ser definitivamente incorporada nos sistemas oficiais de ensino e também instrumentalizar criticamente as políticas públicas³. Evidencia-se a necessidade de acompanhar um novo movimento da sociedade e de sua prática educativa popular, de uma forma que não perca sua ‘essência’. É preciso, assim, educar os educadores e as educadoras pelas bases histórico-conceituais e epistemológicas da educação popular.

A efervescência do movimento atual da educação popular e da sociedade, a constante presença histórica e a vivência educativa cotidiana impulsionam a necessidade de revisitar a base histórica e teórico-metodológica da educação popular e por esse movimento se faz possível delinear sua epistemologia.

2. REVISITANDO AS BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO POPULAR

A educação popular é fruto de uma cons-

trução histórica, que se dá de forma orgânica na conjuntura social e política. Tanto sua origem quanto sua teorização são basicamente latino-americanas. Ou seja, no cotidiano de históricas desigualdades da América Latina, que sujeitos e coletivos procuraram e continuam procurando por si próprios elaborar experiências educativas em que participam ativamente se (re)significando como sujeitos de sua história. Weinberg (1984) e Streck et al. (2014) compreendem que a história da educação popular tem seu ponto de partida no encontro violento entre colonizador e colonizado, e de um projeto de modernidade inconcluso e por isso se refundamenta, ressignifica, reinventa e refunda. Ela se dá na “aposta e possibilidade, entre a paciência e a impaciência” (STRECK, 2010b, p. 309), o que para Freire (1982, p. 7) é um processo dialético entre paciência e impaciência. Para Adriana Puiggrós, a história da educação popular tem significativo peso na “recuperação da dignidade política e social” (2014, p. 103), o que para Streck et al. (2014, p. 34) é complementado na construção de uma educação libertadora em nosso continente.

Percebo a origem e o desenvolvimento da educação popular na parte latina da América. Isso, contudo, não significa negar que também haja experiências que se valham de práticas teórico-metodológicas semelhantes e que se tenham desenvolvido paralelamente, como pode ser o caso da pedagogia social na Alemanha, que compartilha algumas características.

A educação popular representa a construção de um pensamento pedagógico latino-americano (STRECK, 2010a, p. 331; MEJÍA, 2013, p. 369). E esta constatação ganha em reconhecimento, por exemplo, quando Fichtner (2013, p. 349) afirma que a pedagogia social europeia tem muito a aprender com a educação popular. Mas é importante ressaltar aqui que não é objetivo alçar as experiências de educação popular acima de outras práticas educativas – seria um equívoco histórico –, mas enfatizar que ela tem a contribuir, e contribui sobretudo a partir do contexto em que é gestada e pelas suas características, com centralidade no protagonismo de sujeitos e coletivos. Ou seja, o ser humano não apenas se

³ Aprofundamentos críticos da educação popular como política pública são encontrados em Schönardie (2015) e Schönardie (2016).

adapta à natureza, mas a transforma, e, ao transformá-la, transforma a si mesmo (MARX, 2008, p. 192), e esta transformação em um processo de aprendizagem pela educação popular.

Levando em consideração os limites da pesquisa e do texto aqui esboçados, tomo como ponto de partida os processos de independência latino-americanos. Concordo, assim, com Mejía e Awad (2003) que em seus estudos percebem a educação popular em dois períodos distintos. Para Puiggrós (2014), a educação popular, como proposta de educação, se inicia com Simón Rodríguez (1771-1854). Nessa perspectiva, o primeiro período vai do século XVIII à primeira metade do século XX. Certamente a participação de setores e ideias populares nos processos de independência política dos países latinos do continente contribuiu organicamente para os primórdios da educação popular. É percebida aqui a característica da educação popular em acompanhar o movimento da sociedade. Também Mejía (2013, p. 370) nos lembra que Simón Rodríguez e José Martí estão no primeiro tronco de pensadores que pela educação popular procuram dar respostas as crises em contextos específicos. Ao buscar primórdios da educação popular a partir do século XVIII, não nego que tenha havido experiências anteriores, por exemplo, entre outras, entre as complexas sociedades latino-americanas dos Maias, Incas e Astecas, ou mesmo entre os Guaranis das Reduções. É preciso observar que a fundamentação construída até o presente ainda não analisou essas sociedades mais antigas. Certamente procurar elos da educação popular anteriores ao século XVIII representa um construtivo e aberto campo de pesquisa.

Os fundamentos do primeiro período da educação popular certamente estão em Simón Rodríguez (1979). Ele aponta três características básicas que denomina de uma forma de educação popular, quais sejam, que pela educação, a) nos tornamos ‘americanos’ e não europeus, ou seja, inventores e não repetidores. Significa ressaltar o protagonismo dos habitantes locais, ressaltar a construção de uma cultura latino-americana; b) nos educamos para não sermos mais servos. Significa nos libertar das amarras coloniais, inclusi-

ve as amarras culturais; e, c) para aprender um ofício para ganhar a vida por conta própria. Ou seja, construir sua autonomia, ser sujeito de sua história pelo trabalho.

Pelos estudos de Mejía e Awad (2003), o segundo período começa em meados do século XX, seguindo na atualidade. É possível afirmar que neste período, a educação popular profundamente imbricada no acompanhar do movimento da sociedade, incorporou e continua incorporando novos referenciais e estes a partir das experiências concretas protagonizadas na base social. Para Schönardie (2015, p. 4), é “nestas últimas décadas, [que] pela educação popular se consolida um pensamento pedagógico latino-americano”. Esse período coincide com o desenvolvimento do pensamento pedagógico de Paulo Freire (STRECK, 2010a, p. 331). Freire contribui significativamente para revolucionar a teoria e a prática da educação popular e conseqüentemente de todo o contexto educacional. Freire passa a ser primordial para a construção de uma epistemologia da educação popular. Ele soube reinventar a educação e a pedagogia baseando-se no movimento da sociedade. Neste sentido “a pedagogia do oprimido se alonga em pedagogia da pergunta, pedagogia da esperança, pedagogia da autonomia, pedagogia da indignação e outras mais” (STRECK, 2010b, p. 301).

Sabendo que a educação popular possui referenciais teórico-metodológicos próprios, cabe perguntar que referenciais são esses? Pode-se aprofundar o debate com a pergunta feita por Brandão (2006): “o que é a educação popular?”. Concordo com Torres (2008, p. 13) quando afirma que não existe uma única e/ou absoluta compreensão ou definição de educação popular. Para entendê-la ou até defini-la, é preciso primeiro reconhecer a sua existência para posteriormente perceber o protagonismo histórico dos sujeitos e dos coletivos envolvidos. Nesse reconhecimento parece estar situada a vocação da educação como forma de resistência (BRANDÃO, 2013, p. 12), o que na América Latina é histórico.

Da mesma forma que Torres (2008; 2013), que pode ser considerado pensador fundante da perspectiva teórica contemporânea da

educação popular, outros autores, entre os quais Mejía (2013), Paludo (2008), Brandão (2006), concordam que há uma profunda heterogeneidade nas práticas, nos atores e nos referenciais teórico-metodológicos. Da mesma maneira estão em sintonia, entendendo que é possível e necessário identificar um conjunto de ideias centrais comuns, e por estas perceber uma identidade que dá à educação popular uma concepção autônoma de educação.

A histórica e numerosa existência de oprimidos (FREIRE, 1987) e a luta destes objetivando sair da opressão, faz com que a educação popular emergja “como um movimento de trabalho político com as classes populares através da educação” (BRANDÃO, 2006, p. 75). A concepção pedagógica da educação popular tem assim profundas raízes na sua “alta sensibilidade aos contextos políticos, sociais e culturais” (TORRES, 2013, p. 19), tendo uma intencionalidade política emancipadora (TORRES, 2008, p. 13); pressupõe “um processo de libertação via conscientização e luta política” (STRECK et al., 2014, p. 32). Sob este pano de fundo, é possível construir o ponto de partida para constituir um núcleo da educação popular. Este se dá

a partir de uma crítica indignada da ordem social dominante e a partir da identificação com visões de futuro alternativas, busca contribuir para a constituição de diversos setores subalternos como sujeitos de transformação, incidindo em diferentes âmbitos de sua subjetividade, mediante estratégias pedagógicas dialogais, problematizadoras, criativas e participativas (TORRES, 2013, p. 19).

Se percebido que a educação popular é em grande parte protagonizada pelos oprimidos em busca de sua libertação, é possível dar-se conta de que ela possui uma estreita ligação com as margens (EGGERT, 2003), abrindo possibilidades de subjetivação naqueles espaços e através daquelas pessoas normalmente excluídas dos sistemas oficiais constituídos. Está-se assim em um espaço em que se constituem territórios de resistências (STRECK, 2010b). São os ‘outros sujeitos’ que constroem outras pedagogias (ARROYO, 2014). Ela passa a ser uma forma peda-

gógico-social provinda dos contextos históricos e culturais de luta social. E são nestes contextos que se constrói o núcleo comum da educação popular, entendido por Paludo (2008) a partir de quatro elementos fundamentais: uma estreita relação entre o político e o pedagógico o que indica objetivamente que a educação não é neutra; centralidade dos participantes dos processos educativos populares como sujeitos históricos, como protagonistas; perspectiva emancipadora que objetiva a transformação social, e; a compreensão de que o conhecimento é socialmente produzido, não estando, portanto apenas nas mãos das pesquisas acadêmicas.

Marco Raul Mejía (2013, p. 372), num esforço para mostrar as raízes históricas, demonstra que a educação popular se constitui como uma proposta para a sociedade a partir de uma longa experiência acumulada, que o sul geográfico apresenta para a humanidade (MEJÍA, 2013, p. 377). Ele é enfático quando afirma que na educação popular “se parte de que todos los humanos tienen un saber derivado del mundo que habitan y las prácticas que desarrollan en lo cotidiano de sus vidas” (MEJÍA, 2013, p. 373). Todos e todas somos, assim, criadores e criadoras de saber, de conhecimento, este por sua vez nos auxiliando na condução autônoma de nossas histórias.

A educação popular é assim “uma prática educativa que se propõe a ser diferenciada, isto é, compromissada com os interesses e a emancipação das classes subalternas” (PALUDO, 2001, p. 82). Por ela se buscam a constituição de sujeitos populares “capazes de serem os construtores de sua própria história de libertação” (PALUDO, 2001, p. 99). Por isso a autonomia de sujeitos e de seu grupo social passa a ter papel central. Freire chama isso de pedagogia da autonomia (FREIRE, 2002). Esta autonomia não provém do acaso, mas sim, como visto pelos autores e aproximações teóricas acima apresentadas, o acontecimento da educação popular se baseia na experiência prática e na consequente teorização revolucionária, para a qual também Paulo Freire contribui a partir de meados do século XX.

A práxis, ou seja, a ação, a reflexão e a nova ação, características do humano, estão as-

sim na base da educação popular. O humano, “atuando, transforma; transformando, cria uma realidade que, por sua vez, ‘envolvendo-o’, condiciona sua forma de atuar” (FREIRE, 1992, p. 28). Reconhecemo-nos assim como inacabados (FREIRE, 1987, p. 73). Freire sempre esteve convencido de que qualquer esforço da educação popular deve ter um objetivo fundamental, o “da problematização do homem-mundo ou do homem (*sic*) em suas relações com o mundo e com os homens (*sic*), possibilitar que estes aprofundem sua tomada de consciência da realidade na qual e com a qual estão” (FREIRE, 1992, p. 33).

Todos e todas nós, por um lado, em nossas vivências educativas históricas e culturais, em nossa práxis, contribuimos de alguma forma para (re-)construir uma epistemologia da educação popular, e por outro lado, se reconhecemos os fundamentos históricos e teórico-metodológicos, mesmo que ainda em (re-)construção, aumentamos a possibilidade de contribuir organicamente com a possibilidade da humanização, em que todos e todas possam ser sujeitos de sua história.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A realidade social e as vivências históricas e culturais latino-americanas se apresentam, também, por uma forma genuína de educação, a concepção pedagógica da educação popular. Pelo conjunto de adversidades a que sujeitos e coletivos foram historicamente e continuam sendo submetidos, a educação popular tem seu processo de construção oriundo sobretudo em contextos educativos à margem dos sistemas de ensino oficiais. Mesmo que na educação estatalmente regada sempre tenha havido também práticas com base nas características pedagógicas da educação popular, mas essas como exceção e não como regra, ou seja, também às margens.

A realidade de vida da maioria dos latino-americanos continua sendo premida pelas adversidades. Por isso a educação popular continua sendo a perspectiva teórico-metodológica que orienta boa parte das práticas educativas autônomas de sujeitos e coletivos. E na atualidade aden-

tra cada vez mais no cotidiano do ensino oficial. Inclusive, no Brasil, há um marco de referência oficial, recomendando que práticas de educação popular pautem as mais diversas políticas públicas, o que de certo modo gera tensão a sua essência. A relação da educação popular com as políticas públicas é assim um campo aberto à análise e reflexão.

As mais diversas experiências e práticas educativas e sociais, se orientadas pela linha de pensamento emancipadora da educação popular, podem representar a possibilidade de libertação do oprimido e da opressão. E como acima apresentado, as experiências e práticas são muitas e nas mais diversas áreas. Um dos fatores limitantes para a socialização dessas experiências e práticas tem sido a falta de sistematização e conhecimento de um marco teórico para percebê-las como realizações pautadas na educação popular. Por isso que considero tão importante uma delimitação, mesmo que de forma sucinta e ainda em construção, de uma epistemologia da educação popular.

Encerro com a esperança de que a revista das bases históricas e teórico-metodológicas possa contribuir com a reconstrução epistemológica de uma teoria e auxiliar, por meio dela, a interpretar as experiências de educação popular vividas por sujeitos e coletivos. Por fim retomo a afirmação de que a educação popular é uma concepção de educação, que entendo como um novo paradigma educativo.

4. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é a educação popular?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, Carlos R. Prefácio. Cinquenta e um anos depois. In: STRECK, Danilo; ESTEBAN, Maria T. **Educação popular**. Lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

EGGERT. Edla. **Educação popular e teologia**

das margens. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

FICHTNER, Bernd. Educação popular. Uma visão europeia. In: STRECK, Danilo; ESTEBAN, Maria T. **Educação popular.** Lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Virtudes do educador.** São Paulo: Vereda, 1982.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis.** São Paulo: Cortez, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JARA, Oscar; FALKEMBACH, Elza M. F. Educação popular e sistematização de experiências. In: STRECK, Danilo; ESTEBAN, Maria T. **Educação popular.** Lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. **Das Kapital.** Berlin: Dietz, 2008.

MARX, Karl. **Marx Engels Werke** 1845-1946. Band 3. Berlin: Dietz, 1990.

MEJÍA, Marco R.; AWAD, Myriam I. **Educación popular hoy.** En tiempos de globalización. Bogotá: Aurora, 2003.

MEJÍA, Marco R. Posfácio. La educación popular. Una construcción colectiva desde el sur y desde abajo. In: STRECK, Danilo; ESTEBAN,

Maria T. **Educação popular.** Lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

MORIN, Edgar. É preciso educar os educadores. In: **O Globo.** Agosto 2014. Disponível em <http://www.fronteiras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores> Acesso em 12 jul. 2015.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas.** Uma leitura desde o campo democrático e popular. Porto Alegre: Tomo Editorial/Camp, 2001.

PALUDO, Conceição. Educação popular e movimentos sociais. In: ALMEIDA, Benedita; ANTONIO, Clésio; ZANELLA, José (Orgs.). **Educação do campo.** Um projeto de formação de educadores em debate. Cascavel: Edunioeste, 2008.

PUIGGRÓS, Adriana. La disputa por la educación en América Latina. Hegemonía y alternativas. In: SOLLANO, Marcela G.; ZASLAV, Martha C. **Reconfiguración de lo educativo en América Latina.** Experiências pedagógicas alternativas. México: Unam, 2014.

RODRÍGUEZ, Simón. **Inventamos e erramos.** Caracas: Monte Ávila, 1979.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. **Educação popular como política pública.** Análise crítica. Anais da 37. Reunião Nacional da Anped. Florianópolis: Anped, 2015.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo; PILLATT, Líbera R. B. A perspectiva epistemológica da pedagogia da autonomia para a prática educativa. In: **Anais XVIII Enaced.** Santa Rosa: Ed. Unijuí, 2015.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo; PILLATT, Líbera Raquel Bazzan. Fundamentos históricos e teórico-metodológicos da educação popular. In: SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo; PILLATT, Líbera Raquel Bazzan; SILVA, Sidinei Pithan da

(Org.). **Sociedade brasileira e educação**. Olhares interpretativos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. Prática e reflexão na docência do ensino superior. Formação de Professores(as)/Pesquisadores(as)? In: SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo; MEZALIRA, Sandra M.; MARTINAZZO, Celso J. (Org.). **Estágio de docência na graduação**. O desafio da formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. Uma análise crítica da educação popular como política pública. In: SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo; ANDRIOLI, Liria; FRANTZ, Walter. **Educação popular e políticas públicas**. Reflexões a partir de diferentes lugares e olhares. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

SECRETARIA-GERAL da Presidência da República. **Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas**. Brasília: Secretaria-Geral, 2014.

STRECK, Danilo. Entre emancipação e regulação. (Des)encontros entre educação popular e movimentos sociais. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 15 n. 44 maio/ago., 2010b

STRECK, Danilo; ESTEBAN, Maria T. Apresentação. In: STRECK, Danilo; ESTEBAN, Maria T. **Educação popular**. Lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

STRECK, Danilo. Paulo Freire e a consolidação do pensamento pedagógico na América Latina. In: STRECK, Danilo (Org.). **Fontes da pedagogia latino-americana**. Uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a.

STRECK, Danilo; PITANO, Sandro C.; MORETTI, Cheron Z.; SANTOS, Karine; LEMES, Marilene; PAULO, Fernanda S. **Educação popular e docência**. São Paulo: Cortez, 2014.

STRECK, Danilo. Territórios de resistência e criatividade. Reflexões sobre os lugares da educação popular. In: STRECK, Danilo; ESTEBAN,

Maria T. **Educação popular**. Lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

TORRES, Alfonso. A educação popular como prática política e pedagógica emancipatória. In: STRECK, Danilo; ESTEBAN, Maria T. **Educação popular**. Lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

TORRES. Alfonso. **La educación popular. Trayectoria y actualidad**. Bogotá: El Buho, 2008.

WEINBERG, Gregorio. **Modelos educativos en la historia de América Latina**. Buenos Aires: A-Z Editora, 1984.